

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.522

Sábado, 10 de Novembro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Café da Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

Fazer a propaganda de  
**A BATALHA**  
é um dever que se impõe a todas  
as pessoas honestas que alme-  
jam uma sociedade mais justa.

## QUE HÁ?

# Uma ditadura militar? Um golpe de Estado fascista

Da falência dos partidos políticos, do descrédito do parlamentarismo e do actual momento político, alguém quer aproveitar-se para estabelecer uma ditadura à Primo de Rivera

## Se tal acontecesse andariamos de mal para pior

Embora o proletariado organizado, que tem a sua linha de conduta social perfeitamente marcada à margem das intrigas políticas, nada tenha que ver, portanto, directamente com a política, o certo é que, por esse mesmo motivo e para que a sua acção revolucionária não seja cega e incoerente, tem de seguir com a máxima atenção tudo o que na política se passa.

Vive-se actualmente um momento político grave, mais grave mesmo do que parece. Os destinos do país têm estado nestes últimos anos, salvo pequenas interrupções, nas mãos do partido democrático. As figuras mais representativas desse partido têm passado sucessivamente pelas cadeiras, do poder dando—como já esperávamos—provas da mais absoluta incompetência perante os graves problemas nacionais. Os governos democráticos, aliás como os governos dos outros partidos, não tiveram um gesto, não tomaram uma única medida tendente a suavizar as condições económicas verdadeiramente desesperadas em que o povo se debatia; não souberam resolver o problema importantíssimo do inquilinato; não souberam encontrar um meio de meter os lavradores na ordem, levando-os a desenvolver a agricultura que usa ainda processos primitivos; não puderam em prática qualquer medida que fomentasse a abertura de escolas industriais; não conseguiram debelar o cancro do analfabetismo; não deram incremento à indústria nacional; não fizeram enlutar nada que melhorasse a situação moral e material dum povo sedento de progresso e de liberdade.

Em compensação combateram todos os movimentos proletários tendentes a melhorar as condições de vida do povo trabalhador. Esmagaram dois movimentos operários que se destinavam a meter na ordem os desmandos das moagens; encheram as cadeias de presos, engendrando leis que favoreciam os exploradores do povo, como a última que deu aos moageiros liberdade para aumentar o preço do pão.

A incompetência do partido democrático é manifesta. Os seus homens, como de resto os de todos os outros partidos políticos, estão queimados.

António Maria da Silva, ao cabo de dois anos gastos a vegetar, a entreter, a arrastar problemas, a recompor o ministério, caiu exausto.

Cafu, O. P. R. P., olhou em torno, na mira de descobrir outro homem capaz, pelo menos, de arrastar-se outros dois anos a fingir que governasse e não descobriu um único em termos. Foi, então, que se criou a ficção, a *blague*, a ilusão *Afonso Costa*. Principiaram os democráticos a querer convencer o país, e a convencer-se eles próprios daquilo de que no fundo descreiam: a salvação do país pelo Dr. Afonso Costa.

Afonso Costa veio, convencido de que os seus erros e os seus actos de despotismo tivessem esquecido já. Mas enganou-

se. Os mesmos ódios de outrora, que pareciam extintos, mas estavam apenas latentes, reacenderam-se. Os nacionalistas inutilizaram-lhe a manobra de absorção que pretendia fazer sob a capa de ministério nacional. E Afonso apresentando uma queda ruidosa se quisesses governar apenas com homens do seu partido, não querendo certamente queimar-se mais do que já está, desistiu. Vai retirar-se novamente para Paris, pretendendo deixar a impressão de que não «salvou a nação» por culpa dos nacionalistas que não quiseram colaborar na obra desinteressada e patriótica de regeneração da Pátria.

Alastada a probabilidade de Afonso salvar isto, o partido democrático ficou colocado na situação tristíssima de não possuir homens capazes de governar. Entretanto teima em governar, mesmo com a indiferença e hostilidade de todos os políticos. E ontem apresentou uma nova figura para formar governo—o dr. Catão de Menezes, de quem nada se espera. Vejamos se o dr. Catão de Menezes conseguirá formar gabinete.

Mas há alguém, segundo nos informam, que pretende aproveitar-se deste vácuo produzido na política portuguesa. Que se projecta?

Se o nosso informador, em quem depositamos a máxima confiança, não está enganado, prepara-se um movimento de ditadura militar, à Primo de Rivera.

Os partidos políticos faliram, como em Espanha; o parlamentarismo está desacreditado; todas as forças burguesas capazes de governar estão gastas e caducas. Uma apenas não foi experimentada, uma apenas por esse motivo, portanto, pode criar ilusões e esperanças—a força militar.

Nos, proletários, inspirados num ideal de liberdade e desejosos de implantar uma sociedade baseada no trabalho livre, não acreditamos na salvação pela ditadura militar que pretenderá transformar o país numa caserna, onde ninguém terá liberdade de erguer a voz, de criticar atitudes, de discutir ideias, de combater o capitalismo que, de costas quentes, roubará ao povo todas as regalias conquistadas. Mas as asneiras, a incompetência e o impudor dos políticos criou aos militares uma oportunidade perigosa para um assalto do poder.

Ainda, segundo o nosso informador, esses Riveras já encetaram «demarques» no sentido de se conduzirem ao poder. Teriam mesmo insinuado quaisquer pretensões ao chefe do Estado.

Que irá passar-se? Conviém que todos estejamos alertas, que sigamos com atenção todas as fases da política portuguesa, que não percamos de vista as manobras dos partidos e das forças burguesas que pretendem num último arranco, consolidar-se para impedir o progresso constante da revolução proletária que se avizinha e que, a despeito de todos os obstáculos, terá de triunfar.

BERLIM, 9. — Steemann caminha para as direitas e vai formar um gabinete das direitas. Entabulou negociações e concluiu um acordo com o partido popular bávaro. Um membro deste partido, provavelmente o dr. Beyerle, entrará do gabinete como ministro da justiça.

É a marcha para a ditadura da direita. Sabe-se que no seu último congresso, realizado nestes últimos tempos, o partido popular bávaro ao qual Streemann vai associar-se, decidiu conduzir-se unido a von Kahr. — (E.)

## Favorecendo a reacção

BERLIM, 8. — No momento em que a reacção bávara ameaça invadir a Turíngia e marchar sobre Berlim, Streemann e Hiesler preparam-se para derubar o governo comunista da Turíngia.

Sabe-se que esta tarde Gessler enviou para a Turíngia numerosas tropas da Reichswehr comandadas pelo general Reinhardt, que tinham ordem, não de se opor a uma marcha dos nacionalistas sobre Berlim, mas de dissolver os grupos operários e de restabelecer a ordem constitucional na Turíngia.

## Um golpe de Estado fascista

BERLIM, 9. — Conforme vinhamos anunciando o golpe fascista que se preparava acaba de ser vibrado. Constituiu-se um directório formado por cinco membros, chefiado por Ludendorff e Hitler. Uma proclamação anunciou que o golpe de Estado ia estabelecer-se a toda a Alemanha. Foram depostos o primeiro ministro, von Knilling e o ministro do interior.

Von Kahr foi proclamado regente, Ludendorff general comandante das tropas revolucionárias e o general Lossow ministro da Defesa. — (E.)

## Quem deve pagar o ajuste

ESSEN, 9. — Continuam as conferências entre os industriais do Ruhr e os trabalhadores acerca dos sacrifícios que os operários devem fazer para tornar possível a renovação do trabalho e da vida económica e a entrega das reparações.

## Marcha sobre Berlim

LONDRES, 9. — Está concluído o plano bávaro acerca da marcha dos nacionalistas sobre Berlim. O governo da Holanda recebeu uma nota do governo francês em que lhe solicita que não permita a saída de kromprinz no território holandês, tendo também o conselho dos embaixadores solicitado à Alemanha que não permita a entrada do príncipe no seu território.

## Reina a ordem na República Renana

BRUXELAS, 9. — Houve uma reunião ministerial tendo sido aprovada por unanimidade a atitude assumida na região do Reno pelo Alto Comissário belga nos territórios ocupados. As informações aqui recebidas dizem que reina absoluta ordem na região do Reno que está sob o domínio belga. O movimento separatista não tem interesse para 90 000 da população. O líder do movimento em Aix-La-Chapelle, sr. Deckers abandonou o distrito e está agora na cidade em Halmeyd.

## Os franceses preparam o avanço

LONDRES, 9. — A Alemanha não responde satisfatoriamente aos pedidos feitos pela conferência dos embaixadores acerca das facilidades que era necessário fornecer à comissão inter-aliada militar de fiscalização à Alemanha. O estado actual da Alemanha não garante suficiente protecção aos oficiais aliados parece que o governo francês está na disposição de enviar tropas para os proteger.

## Um recurso desesperado

BERLIM, 9. — Os judeus veteranos de guerra organizaram-se para defender os seus estabelecimentos e moradias dos assaltos da população desta cidade.

## A hipocrisia francesa

PARIS, 9. — A França deu ordem ao seu embaixador, para que comunicasse categoricamente ao governo alemão que não toleraria a implantação do governo ditatorial na Alemanha.

## O golpe de Estado não tem importância

BERLIM, 9. — O presidente do ministério bávaro sr. Knilling, o ministro do Interior sr. Schwoyer foram detidos pelos hileristas, os quais nomearam o general Ludendorff comandante em chefe das tropas bávaras, von Kahr comandante civil, von Lossow, ministro de Defesa e Poehner, chefe da Polícia. A intenção dos revolucionários é formar em Munique um governo nacional de toda a Alemanha. Munique encontra-se em poder dos sublevados. O governo de Berlim publicou uma proclamação contra o que ele chama a «horda armada» destruidora da unidade alemã, anunciando que vão ser tomadas todas as medidas imprescindíveis para dominar o movimento. O sr. Ebert nomeou o general Sack, Comandante Supremo do Exército, concedendo-lhe amplos poderes e conferindo-lhe as atribuições exercidas até agora por Possler. As relações com a Baviera foram rotas até se estabelecer a normalidade constitucional, e proibiu-se a publicação de qualquer notícia extra-oficial.

O «Vorwaerts» faz comentários sobre a situação, trocando dos «palhaços de Munique» afirmando que o movimento tem apenas uma importância local. O governo francês informou oficialmente o governo alemão que não toleraria a constituição duma ditadura militar.

## Hitler e Ludendorff presos

MUNICH, 9. — Foram presos o sr. Hitler e o general Ludendorff.

## Fracasso completo do golpe de Estado

BERLIM, 9. — O golpe de estado organizado contra o governo bávaro, pelo sr. Hitler e pelo general Ludendorff, fracassou em absoluto. Tanto estes dois chefes do movimento, como o sr. Poehner, que era o primeiro ministro do gabinete revolucionário, foram presos. O sr. von Kahr e o general von Lossow contrariaram e combateram o movimento, tornando-se os

principais instrumentos de fracasso por que terminou. A prisão de Ludendorff e de Hitler foi executada no Ministério da Guerra, onde se tinham barricado tendo sido o edifício cercado por tropas da Reichswehr e os dois prisioneiros saídos e salvos, apesar da luta que se travou.

Von Kahr e von Lossow enviaram ao governo de Berlim uma comunicação em que dizem terem-se visto envolvidos na trama da conspiração pelas manobras de Hitler, mas surgiram posteriormente algumas circunstâncias que permitiu retrair-se, tomando a ofensiva contra os revolucionários.

Von Lossow manteve-se leal ao governo central, nas suas funções de comandante das tropas imperiais, e tanto ele como von Kahr tomaram medidas energéticas contra o movimento, que permitiram e proporcionaram o êxito obtido.

## O terror no Palatinado

BERLIM, 9. — A população do Palatinado dirigiu um apelo radiotelegráfico ao governo alemão e ao mundo inteiro, pedindo auxílio e protecção contra as hordas armadas que espalham o terror naquele território, escandalosamente apoiadas pelos franceses.

## C. G. T.

## Comité Confederal

Volta a reunir hoje, pelas 21 horas, o comité confederal cessante para ultimar trabalhos que se prendem com a posse do novo comité.

Lêr na 4.ª página:  
Agenda de «A Batalha».

## A arte e os artistas

### A exposição de D. Eduarda Lapa na Sociedade Nacional de Belas Artes

Outra exposição na Sociedade Nacional de Belas Artes. Ao lado dos cinco independentes—Dr. Eduarda Lapa, Caldeira, Não há, é claro, nestas duas citações o menor intuito de comparação. Ninguém, de bom senso, iria comparar os trabalhos desenvolvidos, modernos, bonifados pelos artes lavados de Paris com os de uma senhora, que principia agora a manejar o pincel, que não está afeita às ideias largas e arrojadas da arte do nosso século, que teve uma educação artística deficiente e defeituosa.

Regostijamo-nos com o facto de D. Eduarda Lapa expor paredes meias com os «cinco independentes» porque isso lhe pode ser extremamente útil.

Conhecemos de há muito a expositora. Isso põe-nos à vontade, dá-nos autoridade para falar-lhe francamente, sem receio de a ferir, porque ela sabe que nós falamos sempre a linguagem da verdade no intuito apenas de bem servir quem apreciares e críticos.

D. Eduarda Lapa possui esplêndidas qualidades naturais. Uma inclinação espontânea levou-a a dedicar-se à pintura e ao desenho, sem professores, sem orientadores, vivendo num ambiente acanhado onde não chegava sequer o eco do moderno movimento artístico. D. Eduarda Lapa separada do verdadeiro mundo da arte pela muralha da China dum vida de trabalho intenso, não podia, de forma alguma, ser uma grande artista, não podia adquirir aquela largueza de vistas, aqueles conhecimentos técnicos que bem pudessem dar recte às suas qualidades naturais.

Se não conhecessemos a sua vida, bastaria a sua exposição que ontem visitámos para nos elucidar sobre o esforço colossal que representam os seus trabalhos. D. Eduarda Lapa é em pintura, como certos poetas analfabetos que cantam versos admiráveis, plenos de lirismo. Possui paisagens cheias de sentimento que nós desejariamos possuir em casa para contemplar e sentir, mas de colorido oleográfico, porque a falta de conhecimentos técnicos não pôde livrá-la de cair nesse erro.

Entretanto vimos lá quadros onde o seu instinto de arte, num esforço assombroso conseguiu produzir obras aceitáveis. Entre essas condições o *Retrato de D. Isaura Passos, Sorriso, Estrada para as Caldas, Paisagem (Fundão), Casas rústicas* e outros.

Seja-nos permitido dar a D. Eduarda Lapa alguns conselhos: procure habituar a sua vista às obras modernas de pintura; há revistas estrangeiras tão elucidativas! Abandone os moldes rudimentares que usa na sua pintura; dê-se às flores para as meninas pretenciosas de encontrar assunto; estude o retrato para o que tem real tarde apresente-se ao lado daqueles que são elogiosamente citados nos jornais com um acompanhamento farrasoso e mensurável de alardes de mérito.

Mário DOMINGUES

## POR ESSE MUNDO FORA

### IRLANDA

#### Tréguas numa grande luta

DUBLIN, 9. — Há relativa tranquilidade. O Parlamento vai ser adiado por 15 dias. Os prisioneiros republicanos continuam a fazer a greve da fome, embora alguns, especialmente mulheres, não tenham tido coragem de a continuar.

### NORTE AMÉRICA

#### Sinistro marítimo

NEW-YORK, 9. — O cruzador «Richmond» foi apanhado por uma tempestade ao largo de Pernambuco, tendo chegado a Filadélfia com os mastros partidos, as antenas da telegrafia sem derrubadas e com vários estragos.

### INGLATERRA

#### Descoberta arqueológica

LONDRES, 9. — Durante as escavações arqueológicas em Houndsditch foi descoberto um pedaço de antigo muro romano de tijolo, em esplêndido estado de conservação.

#### Proibida inglesa

LONDRES, 9. — Alfredo Dieks, proprietário do navio alemão Hansdick, foi multado em 100 libras, por ter sobrecarregado o seu navio de ferro e madeira, competindo assim deslealmente com a marinha mercante inglesa.

## Classes que reclamam

### Ferrovieiros da C. P.

#### Uma reunião em Alfarelos

ALFARELOS, 6. — Com enorme concorrência, realizou-se nesta delegação uma reunião do pessoal da C. P. para apreciar o proceder da Companhia para com os elementos que compõem o Sindicato, demitindo-os sem razão alguma que justifique tamanha iniquidade. O delegado da sede, Mário Castelhan, que fez uso da palavra, demonstrou bem claramente todo o reaccionismo da Companhia que persegue ferocemente aqueles que ao Sindicato da C. P. dão o máximo do seu esforço, defendendo os trabalhadores ferroviários.

Apresentadas as moções que em Lisboa foram presentes na reunião do Teatro Gil Vicente, foram aclamadas, entre protestos vibrantes de indignação.

Constância fez também uso da palavra colocando o pessoal da C. P. nesta situação—ou defender o sindicato protestando eloquentemente contra o procedimento da Companhia, ou abandonar-se-lhe nas mãos e acatar as suas ordens despoticas.

A classe presente ergueu vivas ao Sindicato e diz-se disposta a sacrificar-se por tudo, e é encerrada a sessão entre vivas entusiásticos à organização.

## UM PROJECTO DE LEI

# Contra o direito à greve

Preconizam-se três a doze anos de degrêdo para quem protestar  
— contra uma violência — Seria melhor a força! —

## Um senador com ideias do tempo de D. Sabastião

Não nos lembra neste momento actos e virtudes que possam levar ao conhecimento público o nome apagado, ratas vezes susurrado, do Silvestre Falcão. Afirmamos com a maior sinceridade que nunca, em vida nossa, alguém nos falou de Silvestre Falcão para nos dizer: é um burro, ou para nos assegurar: é um génio. Este homem que nunca foi orguido à celebridade do aplauso ou vaiado pelo ridículo, este homem que nunca mereceu um insulto, ou um elogio deve de ser, tem de ser forçosamente, uma nulidade.

Silvestre Falcão, soubemo-lo com espanto pelo *Diário do Governo* é alguma coisa neste mundo. Este homem de quem nunca se falou, este homem que nunca falou, a não ser para a família ou para os amigos, e em surdina, é um parlamentar.

Leitores, uma revelação preciosa, uma novidade pública: Silvestre Falcão é senador.

Este homem de quem ninguém fala, falou no Senado. Mas, fô-lo num tom de voz tão frouxo, dum maneira tão fôca, que a imprensa não tomou notas, não o contou aos leitores.

Pois este homem, inteiramente apagado, vai agora aparecer em plena luz. Sai da obscuridade para se revelar, enfim, o que é o que vale como mediocridade.

Silvestre Falcão vai, aliás, ser discutido. Seu nome vai correr de boca em boca.

Como pulou o Falcão para a celebridade? Por um gesto meritório? Disse ao país, da tribuna envilecida do Senado o nome de alguns ladrões, denunciou algumas complicitades destes com os políticos? Relatou, ao menos, a infiltração inglesa, as amabilidades inglesas que coincidem com

as necessidades do imperioso ambíções da União Sul Africana?

O Falcão não fez nada disso. Falcão tem da justiça—que perceberá de justiça um mediocre—um critério famoso. Justiça, no bastento, de Falcão, quer dizer, aumento de opressão por parte dos de cima e redobramento de escravidão para os de baixo.

Falcão, o homem que nunca teve uma ideia, o homem que nunca teve uma frase, apareceu com uma necessidade que o «Diário do Governo» deu à luz da letra redonda. Trata-se da coisa mais banal para um senador—um projecto de lei estúpido. Vamos transcrevê-lo na íntegra:

Artigo 1.º Não poderão coligar-se para a cessação de trabalho:

a) Os funcionários, empregados ou assalariados do Estado, serviços autónomos ou corporações administrativas a quem já não é permitido esse direito pelo decreto com força de lei de 6 de Dezembro de 1910;

b) Os patrões e os operários dos serviços a que se referem os n.ºs 1.º e 2.º do artigo 4.º do mesmo decreto.

Art. 2.º Os que infringirem o disposto no artigo anterior serão punidos com a pena de um a dois anos de prisão correcional e os indicados na alínea a) também com a pena de demissão ou despedida do serviço.

§ 1.º Em caso de reincidência a pena de prisão correcional será substituída pela de degrêdo temporário de três a doze anos.

§ 2.º A pena de demissão ou despedida do serviço somente será executada quando o respectivo ministro ou direcção de serviço autónomo ou corporação administrativa ou julgarem conveniente; porém o funcionário incriminado perderá todas as vantagens obtidas pelo tempo de serviço decorrido até à data da coligação em que tomou parte.

§ 3.º Os chefes ou promotores da coligação, e bem assim os que usarem de violência ou ameaças para assegurarem a execução dela, serão punidos como se fossem reincidentes, sem prejuízo de pena mais grave se os actos de violência a merecerem.

§ 4.º As tentativas de coligação por parte dos indivíduos indicados no ar-

tigo 1.º serão punidas com o mínimo da pena aplicada ao crime consumado.

Art. 3.º Enquanto durar a coligação todos os indivíduos que nela tomarem parte consideram-se em flagrante delito para os efeitos legais.

Art. 4.º Serão considerados autores do crime de coligação todos os indivíduos indicados na alínea a) do artigo 1.º que, por ocasião da execução desta parte da classe a que pertencem, faltarem ao serviço sem motivo justificado.

Art. 5.º Todo o funcionário ou empregado público que, sabendo dum crime de coligação cometido por funcionário ou empregado que lhe esteja directamente subordinado, não empregar os meios que a lei lhe faculta para que este seja punido será considerado cúmplice e punido com um terço da pena aplicada aos autores do crime consumado.

Art. 6.º Todos os crimes punidos por esta lei poderão ser participados por qualquer pessoa do povo e serão julgados por juizes singulares, em processo sumário, com recurso para o Tribunal da Relação, somente relativo a nulidades essenciais do processo.

Art. 7.º Fica assim alterado o decreto com força de lei de 6 de Dezembro de 1910 e revogada a legislação em contrário. — O Senador, Silvestre Falcão.

Estúpido e reaccionário. O projecto, não é uma ideia é uma estupididade e ainda assim uma estupididade baseada noutra. A estupididade que o inspirou é o decreto de 6 de Dezembro de 1910 que proíbe os funcionários e assalariados do Estado de fazer greve. Esta proibição é—repetimo-lo—estúpida, Falcão mechen-lhe, não para a anular mas para lhe emprestar a sua incomensurável estupididade.

Segundo o projecto que ele entregou ao Senado, funcionário empregado ou assalariado do Estado que fizer greve será punido com um a dois anos de prisão correcional. Neste tempo moderno de constantes delapidações e consequentemente de constantes reivindicações, só um absurdo, medíocre e abusivo Falcão se lembrou de decretar a cadeia para quem usasse dum di-

## Movimento comunista

### Em Cracóvia (Galícia) estalou uma revolução

CRACOVIA, 9. — Estalou um movimento de rebelião que à hora presente ainda não pode precisar-se que carácter tem; mas do que não resta dúvida é que tem influência comunista. Grandes grupos de civis armados atacaram os postos da polícia na intenção de desarmar os agentes. Tiveram que se as tropas para restabelecer a ordem, e houve combates muito sérios, dos quais resultaram mortos e feridos em grande número. Em vários pontos da cidade estalaram bombas. As autoridades proibiram a circulação pelas ruas depois do sol posto e os estabelecimentos estão encerrados, receando-se assaltos. — (E.)

### Uma explosão de granadas... legais

ROMA, 9. — O general comandante da divisão de Génova enviou pormenores acerca da explosão de munições ocorrida perto daquela cidade. Ficaram mortos quatro soldados, cinco operários e vinte e cinco indivíduos de diversas classes.

reito conquistado ousada e esforçadamente pelo proletariado. Quem neste século se curvava ao disparato legal dum Falcão—a asnoira e a loi confundem-se — e deixaria de protestar com as armas fornecidas pela experiência contra os direitos postergados.

E esta insubmissão, impõe-se com uma tal evidência que o nulo Falcão a reconhece. Reconhece para reincidir estupidamente. Reconhece—para acrescentar a penalidade, de degrêdo temporário de três a doze anos, em caso de reincidência.

A frase de Aureliano Sholl: a sociedade fabrica delinquentes, para provar a sua utilidade, castigando-os — aplica-se ao monstruoso projecto de Falcão. A greve, diante da expropiação é uma necessidade natural. Falcão, entende que tudo se deve sofrer, que a resignação deve ser uma virtude mesmo quando seja um crime.

## O NOSSO FOLHETIM

### OS MISTÉRIOS DO POVO

A introdução «A braga do grilheta» está prestes a terminar, seguindo-se-lhe em breve, a primeira parte, intitulada

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### «Delicado e solene»

Na cerimónia de inauguração do novo Matadouro Municipal deu-se no dizer do *Comércio de Porto* uma nota de delicadeza e solenidade. Para se vislumbrar a estapafúrdia noção que aquele jornal tem, do que é delicado e solene merece dizer-se em que consistiu a tal nota. Teve ela, dois personagens principais: a menina Cacilda Augusta Quimardes e um boi sem nome. O boi inaugurava o matadouro, morrendo. A menina antes do boi morrer, arrojava-lhe sobre a cabeça, uma taça de *Champagne*. Achamos grotesco e estúpido que se derrame *champagne* sobre os chifres dum boi, mesmo pondo de parte o que eles possam ter de simbólico. Derramar vinho espumoso sobre os chifres dum boi que vai morrer, parece-nos ainda pior que dançar à volta dele, como um bom selvagem. Alargá-se-nos mesmo uma marrada sem chifres em determinados sentimentos aliás muito respeitáveis.

Pobre menina — e pobre boi!

### O triângulo

Afonso fez eclipse. Não forma governo. Foi-se transitivamente, com esperança. O seu ministério nacional vai passar ao olvido. Deu-se o segundo grande *bluff* afonista. O primeiro o dos 50 milhões de dólares — deu ruído. O segundo, a salvação do país, deu estranheza. No primeiro acreditaram muitos, no segundo alguns. O triângulo estratégico Afonso-Augusto Soares e outra personalidade desmantelou-se um pouco. Mas, a outra personalidade ficou de pé. E será que numa ocasião que seja oportuna chamará Afonso e fará virar o triunvirato.

Em política há duas razões a falsa e a decorativa para o público e a verdadeira e reles que fica songado. As razões que se conhecem do fracasso de Afonso Costa são as públicas. As outras ficaram nos bastidores.

### Silveira Freitas

O sr. Silveira Freitas, redactor do *Comércio do Porto* e director da *Folha do Norte* esteve na nossa redacção, apresentando os seus cumprimentos à *Batalha*. Agradecemos.

### Vila do Conde

Chamamos a atenção dos nossos leitores para uma crónica sobre Vila do Conde, da autoria do nosso camarada Cristiano de Lima, que publicamos na nossa secção de provinciais, à qual estamos dando o máximo desenvolvimento no intuito de bem servir o povo do resto do país.

## A FOICINHA DE OURO

vem despertando grande interesse nos nossos leitores

que, estamos certos, irá causar verdadeira sensação

Marítimos de Longo Curso

## Maritimos de Longo Curso

Mais uma vez e sempre, continua o

Mais uma vez e sempre, continua o nosso comitê no firme propósito de não ceder às imposições absurdas dos srs. armadores que, não satisfeitos em nos quererem reduzir à forma, pretendem ainda sepultar-nos com mais horas de trabalho, e os representantes do governo, sem respeito algum pela Lei do país, dão a sua sanção, pois que havendo um parlamento que legisla e um "governo" que executa, uns e outros saltam por cima do que era dever se respeitar, para apenas servir interesses "individuais" e "inconscientes".

«E tanto assim é que se pergunta muito inocentemente o seguinte: «Porque não atendem ou não atenderam às várias pretensões de alguns camareiros, carregadores que desejam fazer as carreiras para África e Açores? «E por que, satisfazendo as nossas reclamações, vão de encontro aos tais interesses escuros dos que na sombra trabalham para o esmagamento das Classes Marítimas, no que já mais consentimos!

«Será ou não, a vontade de todos os camaradas? Esperamos que sim, e por-

NOTA OFICIOSA DA COMISSÃO DE «DEMARCHES»

Continua esta Comissão em «demarches» para a solução do conflito. Realizou a entrevista com os Armadores e representantes do governo, ontem, não conseguindo acordo, devido à intransigência dos Armadores em quererem impor o seu regulamento que repudiamos em absoluto.

Espera a Comissão por estes dias que os mesmos senhores se demovam do seu propósito, o que aguardamos com

**Federação Corticeira Nacional**  
NOTA OFICIOSA

Notificamos aos sindicatos corticeiros de Lisboa e arredores que foi carregado em Sines o hiato «Violeta» por pessoal

**SOCIEDADES DE RECREIO**

**Tuna Mista do conselho de Cas**  
rais. — Pelas 20,30 horas de hoje, realiza-se um grandioso sarau em benefício do seu cofre, no qual tomam parte vários amadores, além da Tuna. O programa é o seguinte:

1.ª parte. — Concerto pela Tuna Mista, que executará algumas peças do seu

variado repertório, sob a regência do professor António Pedro de Oliveira; 2.<sup>a</sup> — Um acto de variedades desempenhado por amadores do concelho de Cascais; 3.<sup>a</sup> — Fados e canções por conhecidos cultivadores da canção nacional; 4.<sup>a</sup> — Deslumbrante baile abrigado pela Tuna Mista, que durará até de madrugada.

**Grémio Lafonense.**—Baile às 21 horas, dedicado às damas frequentadoras das colectividades de recreio.

---

**Festival operário**

Realiza-se amanhã no lugar de Giasta grande festival operário, cujo produto reverte em auxílio da construção

A comissão trabalha com vontade para que a festa resulte brilhante, fazendo convite a todos os trabalhadores para assistirem. Haverá quermesse, danças sociais e outros atrativos.

Para o sorteio do carneiro, pede a comissão para apresentar contas e os bilhetes que restam a fim de facilitar os trabalhos.

== MUNIÇÕES ==  
== PARA "A BATALHA" ==

Publicámos em 19 de Setembro o total duma quele aberta em Loanda, total que atingiu a quantia de 337\$10.

Em consequência, porém, de termos informados de que a mencionada quantia foi recolhida em várias empresas e para melhor esclarecimento dos nossos leitores passamos a publicar os nomes

Vários: Henrique Bernardino, 10\$00; João Carlos Canuto, 10\$00; Antônio Maria, 10\$00; Francisco Canoga da Silva, 2\$00; Tomás Francisco, 10\$00; Carlos Macedo, 10\$00; Fernando dos Reis, 5\$00; Emílio J. Ferreira, 10\$00; Antônio Pereira, 10\$00; Rocha «marceneiros», 2\$00; Luis Loureiro, 5\$00; Joaquim Paiva, 5\$00. — Soma 97\$00.

Pessoal da Companhia Colonial de  
Fósforos: José Nunes Simão, 10\$00; José  
Francisco Azevedo, 5\$00; Herculanio  
Correia Portugal, 10\$00; António Dias,  
10\$00; Albino Ribeiro, 5\$00; Manuel da  
Silva Vouga, 10\$00; José Rodrigues,  
10\$00; Alexandre Grandi, 5\$00; António  
Lopes Carneiro, 1\$50; António Coe-  
lho, 5\$00; José da Cruz, 5\$00; João da

Aguiar, 5800; Pedro Colombo, 1500; Antônio Pereira, 10300. — Soma 92500.  
Pessoal dos Serviços Urbanos: José Freitas, 10500; Henrique M. da Silva, 10500; Joaquim Fernandes Pinto, 10500; Júlio Pessoa, 10500; José Fernandes Neves, 5500; Francisco Rodrigues Pinto, 20500; João Cuco, 10500; Adolfo Antônio Martins, 5500; Jaime Nunes, 5000.  
19890. — Joaquim Pascoe, 10500.

Simão, 10\$00; Joaquim Pereira Lopes, \$500; Eusebio, \$500; Martins, \$500; Manuel Rodrigues Pinto, 10\$00; Francis Nobre, 2\$50; Manuel Lemos, 10\$00; José Pereira Júnior, \$500; Antônio S. Rocha, 10\$00; Antônio Pinto, 10\$00; José Fernandes Neto, \$500.—Total 337\$10.

**A Social, Cooperativa dos Chapelleiros.**—Reúne hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral extraordinária para resolver sobre a compra da propriedade de da rua Arco Marquês do Alagrete.

**A Social, Cooperativa dos Chapelleiros.**—Reúne hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral extraordinária para resolver sobre a compra da propriedade de da rua Arco Marquês do Alagrete.

**Porto.** — *S. O. Mobiliário.* — Recebemos officio. Vamos responder. Segue hoje o expediente.  
*Delegação Federal.* — Recebemos telegrama.  
**Faro.** — *Ass. de Cl. Op. Mobiliários* — Segue officio.

1875

SAO DOMINGO

CRÓNICA DO PORTO

As esperanças dos industriais

Os exploradores confiam na acção do Afonso contra o operariado  
Os católicos também não estão descontentes e tem razão para isso

PORTO, 8.—Fomos ontem dar uma ligeira volta pelos *mentideros* políticos e pelos sítios de cavaqueira económica, isto é onde costumam reunir-se os de difícil digestão, após um excelente jantar suculento...

Pelos *mentideros*, verificamos que a exacerbação política tinha diminuído com a baixa da temperatura. É este fenómeno ocasional, temporário, permiti-nos o ensaio, ao contrário da véspera, de umas timoratas opiniões acerca da grande obra que o eminentíssimo estadista vai realizar...

Desa vez, é crível que o país saia do atoleiro em que se atascou; que se morigerem as atitudes, que se rectifiquem as acções, que se emendem os hábitos. A política, pequena em território mas grande na alma nacional... dos *negócios*, eleva-se há agora, paulatinamente, a umas alturas que nem os grandes políticos e os grandes homens industriais dos outros países, lhe chegarão: Nem Mussolini, nem Stinnes se compararão com o vulto... de prata... A felicidade virá a todos... para a Companhia dos Tabacos e para o Banco Ultramarino...

Outros políticos, porém, desdenham destas hipóteses tam furiadamente optimistas... Contudo, detenhemo-nos aqui: Não foram estas observações e apreciações politiquês que nos sensibilizaram. O que, de preferência, nos chamou a atenção, foram as esperanças manifestadas pelos magnatas da indústria... Estes, comentando os últimos acontecimentos da cambalhota política, audaciosamente esperam que o messias, que acaba de aportar a Entre-Campos, cumpra com o que viu lá durante a sua *tempestuosa* estadia de alguns anos... O que é que os industriais tripeiros esperam que o *inteligente* faça? Que, à guisa de Mussolini e de Primo Rivera, esmague a organização operária? Isso já é, noutra ocasião, o tentou com a Casa Sindical... Que meta na ordem, reprimindo-lhes severamente os abusos, todos os ladrões que puzeram a saque um povo inteiro? Crede! Um homem interessado nas maiores empresas, das quais serviu fielmente de representante no estrangeiro, não pode intentar, quanto mais esboçar, semelhante programa... De resto, os grandes ditadores italianos, alemães, espanhóis, búlgaros, etc., são todos bons indivíduos de negócios...

O que eles pretendem, o que o capitalismo exige aqui no Porto, é que a semelhança—afirmam—das outras nações que tombam nas direitas, incomparável político reconheça a necessidade do aumento da produção, não obrigando os malandros a trabalhar, mas coagindo os trabalhadores a permane-

cerem um maior número de horas dentro das oficinas, dos *ateliers*, das fábricas... Os industriais destas bandas prometem apoiar o grande Elias se ele, indo de encontro aos seus desejos, revogar a lei das oito horas e promulgar uma outra, baseada-se na reconstrução económica do país e no barateamento da vida, que permita a legal e imperativa rebaixa dos salários...

Só querem um maior coisíssima nenhuma... O que é interessante, para não dizermos revoltante, é que se tenha o cinismo de se falar nestas coisas num momento em que a crise de trabalho mais se acentua, mesmo com a chegada de tamanho *messias*, salvador... Não têm trabalho para as oito horas, nem para todas a semana... Mas querem a acentuação da produção com o aumento do horário... Não diminuem os seus fabulosos lucros, não deixam os seus ferozes egoísmos; contudo, ansiam, os usurários, que os operários sejam reduzidos...

Se isto se conseguir... Viva Afonso Costa! Era este o prometido... Se não... não, buscarei outro a semelhança dos seus instintos rapaces... Alerta, operários! Tenta na bola... \* \* \*

Dizia ontem uma criatura toda interessada nas coisas do passado: —Neste andar, estamos aqui, estamos na monarquia... E tem razão, o bom do homem... A propaganda religiosa, jesuita, vai num incremento de pamar. E ninguém se arreia dela, e ninguém tenta salvar raríssimas e impotentes excepções—opõe-lhe um embargo sério... Já é frequente, em qualquer domingo, em qualquer dia de semana mesmo, ver-se ranchos de raparigas e de rapazes, acompanhados pelos matulões dos pais, percorrerem as ruas entoando cantochões à virgem, ao diabo, em fragmentárias peregrinações a qualquer dessas novas santas que ultimamente engendraram na temível fornada das toscas e negociateiras canonizações... E o bem-dito que a miúdo nos fere os ouvidos: é o fanatismo que se acelera para o passado reaccionário e que abre, de par em par, as portas do grosseiro e provocante predomínio dos pais e irmãos de caridade... Devido à intensidade desta fenomenal propaganda de carolices perigosas, reparou-se que este ano, numa das frequentes próximas do *concelho* visinho, houve, por ocasião dos *fieis defuntos*, cuja cerimónia na capela cemiterial, entrando sermões, procissão à roda do templo, ricas ornamentações interiores e outras lérias—o que não era costume fazer-se...

A BATALHA NA PROVÍNCIA ARREDORES

Portugal não é Lisboa! Existem espalhados pelo resto do país cinco e meio milhões de almas cujos interesses menosprezados necessitam de defesa. A BATALHA, jornal do povo trabalhador escuta os queixumes distantes da província e transforma-os num clamor que agite os poderes centrais adormecidos. Provincianos, fomentai a expansão de A BATALHA porque tornais mais forte a vossa defesa!

O TOGO EM DEBÃO

O descanço dos caixeiros  
O que se passa na prisão  
6 DE NOVEMBRO

Aqui joga-se desenfadamente a roleta, deserto sem conhecimento das autoridades. Contaminados por este terrível vício, que só miséria acarreta, alguns operários perdem nessas casas as suas lérias. Na casa do Anselmo, prédio que fica junto à Aliança, e noutra do indivíduo de nome Emilio, ao pé do café Avenida, a roleta funciona constantemente.

A bem de todos, será bom que esses antros terminem de vez... Deve realizar-se no dia 8 o julgamento de José Farinha, filho, aquele indivíduo que tam bárbaramente maltratou a pobre Augusta Firmino, e no dia 12 o daquelha criatura acusada de matar o pai, próximo à Meia Legua.

Lavra grande agitação entre os empregados do comércio para ser conseguido o descanço semanal, sendo para lastimar que esta laboriosa classe para esse efeito trabale de comum acordo com o patronato que deseja que todos os estabelecimentos fechem as segundas-feiras, com prejuízo do povo trabalhador que não tem capitais para se prevenir de géneros necessários. Seria preferível escolher o domingo como as demais classes.

A notícia referente às barbaridades de que foi vítima o preso Firmino Rafael Guerra, causou grande impressão nos leitores de A Batalha, havendo no entanto quem pretendesse fazer crer que nós faltamos à verdade. As criaturas que assim pensavam depressa modificaram a sua opinião quando da boca do preso ouviram a confirmação do que já tínhamos dito.

Informam-nos que as pessoas a quem temos causticado pelos seus infames processos, pretendem saber quem é o correspondente de A Batalha, especializando-se o carcereiro. Para quê tanto interesse?

Pretenderão fazer-nos o mesmo que aos presos? Nada nos intimida e continuaremos a escalarizar com a mesma energia todos aqueles que praticam infâmias.

Os presos agora estão condenados a morrer de fome, visto que já há cinco dias lhes não é fornecida comida de espécie alguma; mas o que é mais vergonhoso é o facto de se encontrar há mais de um mês privada da liberdade o operário da construção civil Alvaro de Jesus Silva, que, como noticiamos, foi preso por ter falado a um acto militar, e ao presente ainda não lhe forneceram de comer!

E não querem que nós ponhamos a nã estes factos que indignam toda a gente?

Em nome da humanidade continuamos a protestar contra tais processos inquisitoriais... C.

Propagandistas

Habilidades para entrega de romances ao domicílio, precisam-se. Diz-se neste jornal.

Pedras para isqueiros

Legítimo metal Auer única privilegiada e acreditada universalmente por ser a que faz melhor faísca e que tem maior duração.

Dúzia 50 centavos (cultado com as imitações)

Venda em centos e em milhares. Assom como isqueiros, rochas, tubos, pipos e tinholes, nos melhores preços para revenda.

Pedidos a CARLOS A. SANTOS Depósito: Rua do Arsenal, 80—LISBOA

Os que morrem

Realiza-se hoje, o funeral do pai de Luis Carlos Marrafa, operário caldeiro, devendo o préstito fúnebre sair, pelas 16 horas, da rua Filinto Elísio, 9, 3.º, E, para o cemitério da Ajuda.

VILA DO CONDE

Sob a chuva — A tristeza de Azurara e a magestade de Santa Clara — As descendentes de D. Tereza de Menezes

Do Porto a Vila do Conde vai-se por uma linha ferroviária de via reduzida que estende as suas locomotivas até Vila Nova de Famalicão, passando e claro, pela Póvoa. A estação da Boa Vista obedece à lógica especial da via reduzida, pois nela tudo é diminuído, desde o edifício à bilheteira. A distância do Porto à Vila do Conde, cessa em hora e meia.

A nossa entrada na vila foi duplamente desastrosa. Não havia luz e chovia. Sob o negrume, apenas o Save, largo e pitoresco se desvendava. A meio da ponte — o Save tem duas pontes — num contorno vigoroso, numa nitida neblina, se adivinhava a Vila do Conde, Azurara. Dois ou três automóveis riscaram de luz a ampla avenida à beira-Save. Os faróis revelaram-nos...



VILA DO CONDE—Igreja Matriz

lampo de luz, o edifício do Casino, um ponto em motivos estrangeiros e o Palace Hotel, motivado arquitectonicamente em português.

E sob a chuva, a retirada foi triste. Ao outro dia, pulo enérgico do leito toleite-rampagem—e rua. Vila do Conde vai enfim em plena luz, na moça atmosfera da manhã, revelar-se. Rua, sem temor nem guarda-chuva. Volta ao Save, entro na ponte e vejo melhor Azurara, que está em frente, é alta, verde, melancólica, abandonada, a chorar por construções e vida.

Vila do Conde é higiénica, metulosa e arrumada. Edificada, em terreno acidentado, a vila ondula e eleva-se, sempre pitoresca e linda. Há no ponto mais elevado, um edifício de proporções colossais estilo Renascença francesa. É o convento de Santa Clara. Desafia e intimida. Juramos visitá-lo e vamos rondando pelas ruas, desbravando a passos rápidos, a nossa ignorância da vila.

Maldição! Repentinamente tomba do céu uma chuva que num instante põe os transeuntes em debandada e nos arrebatamos para a dentro da porta larga e acolhedora aberta do edifício. É o teatro. É pequeno e lindo. Tentamos visitá-lo mas não passamos da bilheteira. Despresei em casa de M. C. Machado o chapéu de chuva e o céu parece desentranhar-se em água, ensopa a vila, amassá-la, muda-lhe a forma. Melancólico, olho a rua. De súbito, sob a água que cai furiosa, uma rapariga rosada e loira, atravessa serena, passo grácil, miúdo. Nas mãos afiladas um chapéu de chuva e uma bíblia. É a professora da vila que corre à igreja a caminho de Deus e — já jurá-lo — numa constipação. A chuva redobra de furor e, outras mulheres passam serenas, de guarda-chuva e bíblia a caminho da igreja. Só Deus dará depois para transitar sob a água? Não. Outras mulheres passam também mas sem guarda-chuva, nem bíblia. São do povo, da extracção mais humilde. Saias erguidas, pernas à vista, revelando a terra do joelho do sol, não recediam ao tempo. Parece terem nascido à chuva.

COIMBRA ÀS ESCURAS

A Câmara menosprezando os interesses dos munícipes

COIMBRA, 8.—Não é pela falta de assunto que hoje novamente voltamos a dizer de que se nos oferece, quanto à escuridão em que estamos envolvidos, isto na cidade da luz, como alguém lhe chamou. É que se torna impossível andar de noite pelas ruas sem risco de partir a testa, pois que a senhora Câmara no desejo de fazer medidas «acertadas» e bem servir o público—que é quem sempre paga as favas—ordenou que os poucos candieiros de gás que ainda funcionavam, fossem retirados dos seus lugares para darem lugar a luz eléctrica cuja instalação agora fazemos.

Porém, a luz eléctrica—celebre já pelos seus contratos que nos custarão os olhos da cara—ainda demora algum tempo e nós não podemos estar à mercê das suas estúpidas ordens, porque nos sujeitamos a cair num dos muitos poços que pelas ruas da cidade baixa abundam, tendo que ir depois até ao hospital o que não é nada agradável, tanto mais que ninguém nos indemniza dos prejuízos sofridos...

Andou a senhora Câmara mal e muito mal, fazendo retirar a luz de gás antiga da eléctrica funcionar, porque nos vem prejudicar bastante: foi sem contemplação alguma para com os desgraçados munícipes que isso resolveram ferindo directamente os nossos legítimos direitos e interesses, visto que nós ainda não deixámos de pagar tudo o que a senhora «câmara» entende para sermos «bem servidos», e, é o que se está vendo...

As noites escuras como breu deste inverno que já chegou, põem sobre a cidade... da luz uma nota de negridão que decaia e estorce o viajante que chegando em qualquer combão da noite, não sabe para onde se dirigir pois que não vê o caminho...

Depois, se tenta prosseguir no caminho para a frente para procurar casa ou hotel para onde possa ir descansar, surge-lhe-se como acima dizemos a «câmara» se não escuridão chio por causa das chuvas... terá então o triste volante que malizar a terra dos poetas do choupal, do Mondego e da Universidade que tam bonita lhe pintaram, sujeitando-se a esperar na estação do caminho de ferro, exemplar estação chamada apeadeiro—que lhe oferece para conforto uns miserios bancos todos escurachavados...

As ruas da cidade apresentam-se sujas, imundas e num tal estado de decomposição que digas-se com franqueza, melhor seria que a Câmara arranjassem uma subscrição pública porque de outra maneira não tem dinheiro e, procedessem aos necessários reparos!—também daremos alguma coisa se preciso for...—C.

Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como rochas, ócas e maciças, tubos, moais, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata. (É a casa que fornece em melhores condições).

SUCATAS

Compram-se por altos preços cobras, bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova da Carvalho, 18 (junto ao arco pequeno).

Albergue dos Inválidos de Trabalho

Por ordem do Ex.º Sr. Presidente da Mesa é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 11 do corrente, pelas 13 horas, para a leitura e discussão do parecer da Comissão Revisora de Contas e eleição da Direcção. Pedem-se aos Srs. subscritores a fides da sua participação.

O Secretário da Mesa—Alberto F. Saca dos Santos.

Aos coleccionadores

A administração de A BATALHA está habilitada a fornecer folhetins atrasados a todas as pessoas que o desejem.

Lisboa na rua

Desastre mortal

Na sala de observações do banco do hospital de São José, faleceu ontem o servente da casa Ramiro Leão que caiu de uma carroça na ocasião em que esta, na rua do Carmo, foi chocada por um trem que vinha em carreira desordenada. Chama-se Silvino José Pereira, de 62 anos, natural de Mirandela, era soldado reformado da Guarda Fiscal e residia na Travessa do Chão do Loureiro, 4, 5.º.

Morto por um tiro

Na enfermaria de São Francisco do hospital de São José, faleceu ontem Ambrósio de Oliveira, de 34 anos, jornalista, natural e residente em Corunha, concelho de Coruche, que, andando ali à caça com o seu amigo de nome João, a arma da qual disparou-se, indo a carga atingi-lo no joelho direito.

Movimento da Morgue

Na Morgue deram ontem entrada, Jaime Costa, pedreiro, de 50 anos, natural de Torres Novas, residente na Azinhaga do Feidão, letras A, A, que ali faleceu sem assistência médica; António Faria, que no apadeiro de Sete Rios, foi colhido pela máquina que andava em manobras; e António Fernandes, trabalhador, residente na Estrada dos Prazeres, pálio, porta 6, que caiu

INSTRUÇÃO

Novo curso profissional

Na reunião dos corpos gerentes da Associação de Classe dos Empregados de Escritório, ontem efectuada, tratou-se da abertura do curso de Escrita e Contas, tendo aceite o curso do professor desta especialidade, o sr. José Martins Pinheiro, sendo resolvido intensificar a propaganda no sentido de se tornar conhecido este facto pelo maior número de interessados.

Nesse intuito foi resolvido editar um manifesto que será profusamente distribuído pelos componentes da classe, expondo sucintamente as vantagens que o empregado de escritório tem em se valorizar profissionalmente por intermédio da sua Associação, onde podem adquirir os conhecimentos necessários ao bom desempenho da sua missão, mediante um estipêndio relativamente insignificante.

Continua aberta a matrícula na sede da Associação, rua da Madalena, 225, 1.º, todos os dias úteis das 21 às 23 horas.

Trabalhadores. Lede A BATALHA

LIMAS As melhores são as da União. Tome Feltreiras, Vieira de Leiria—Pedir em todas as lojas de ferragens. Rivalizem em preços e tam-

MARCAS REGISTRADAS para com as melhores inglesas.

OS MISTÉRIOS DO POVO  
A BRAGA DO GRILHETA  
POR EUGENE SUE  
N.º 36 10-11-1923

Esta trempe de ferro e o cabo da adaga tinham, pelo menos, quatrocentos e noventa e um anos.

Junto do manuscrito n.º 15, com a data do ano 1413, da nossa história, estava um *cutele de magarefe*, o cabo de bufalo e com a folha quasi de todo quebrada.

Este *cutele* tinha, pelo menos, quatrocentos e trinta e seis anos.

Junto do manuscrito n.º 16, com a data do ano 1515, da nossa história, via-se uma *pequena bíblia portátil*, dos primeiros tempos da imprensa: a capa deste livro estava quasi de todo quebrada, e, bem assim, os cantos das folhas, como se aquela bíblia tivesse estado exposta ao fogo; também se notava, em muitas das suas laudas, algumas manchas de sangue.

Esta coleção: o *capetele* do oficial de dragões, oferecido pelo conde de Plouernel ao senhor Lebreun e a *braga do grilheta* que o fanteiro trouxera das galés de Rochefort.

Compreender-se há com que devo respeito e com que abrasadora curiosidade estes fragmentos do passado foram examinados pela família do fanteiro. Este último, interrompeu o silêncio que guardaram os filhos durante aquele exame e disse-lhes:

—Bem vêem, meus filhos, que estes manuscritos contam a história da nossa família plebeia durante dois mil anos de sorte que esta história poder-se-ia chamar a história do povo, das suas dores, das suas faltas, dos seus excessos e, às vezes, também dos seus crimes; porque o cativo, a ignorância e a miséria depravam muitas vezes o homem, aviltando-o.

—Mas, graças a Deus, na nossa família, as más acções foram sempre raras, ao passo que numerosos têm sido os rasgos de patriotismo heroico dos nossos avós, *guilheres e guilheres*, durante a sua prolongada luta contra a conquista dos romanos e dos francos!

—Sim, e falo também das mulheres, porque nestes manuscritos vêem-lhes, quais dignas filhas da Gália, rivalizarem umas com as outras em valor e dedicação de modo tal que muitos das quais rostos, simpáticos ou heróicos, se tornaram queridos e glorificados no andar dos tempos, a semelhança dos santos das nossas lendas domésticas.

Agora resta-me dizer alguma coisa a

respeito da linguagem empregada nestes manuscritos...

—Já sabem meus filhos que, tanto sua mãe como eu quizeamos que, desde a mais tenra idade, vocês tivessem uma ama da nossa terra natal, para que viessem a aprender a falar o bretão ao mesmo tempo que o francês; e a prova disto é que, muitas vezes entre nós, temos conversado nesta língua...

—Assim tem sucedido, meu pai...

—Pois bem, meu filho, disse o senhor Lebreun a Sacrovir, querendo que tu, subesses o bretão vez sempre em vista, seguindo também uma tradição da nossa família que nunca trocou a sua língua materna, pôr-te no estado de poderes ler estes manuscritos.

—São em língua bretã, meu pai? perguntou Veleda.

—Sim, meus filhos; porque a língua bretã não é outra senão a língua céltica ou gaulesa, que se falava em toda a Gália antes das conquistas dos romanos e dos francos.

—Salvo algumas alterações devidas ao correr dos séculos, tem-se conservado sempre na Bretanha até hoje, porque, de todas as províncias da Gália, a Bretanha foi a última a submeter-se em todos os tempos aos reis francos, descendentes das conquistas... Sim, não esqueçamos nunca essa soberana e heroica divisa dos nossos avós, *escrivados e despojados* pelos estrangeiros.

—Ainda não resta o nome, linguagem e a *crença*... Portanto, meus filhos, durante dois mil anos de luta e de esperança, a nossa família sempre serviu o seu nome, a sua língua e o

a sua crença; porque nos chamamos Lebreun, falamos o gaules e, porque eu, o meu pai e os nossos avós, nessa crença da imortalidade da alma e da continuação da existência, que nos faz encarar a morte como uma mudança de habitação e nada mais, crença sublime cuja moralidade, ensinada pelos druidas, se resumia em preceitos tais como estes: «Adorar a Deus; não praticar o mal; exercer a generosidade. O que assim fizer, é puro e santo, porque faz obras celestes e puras».

—E seguindo o exemplo de nossos avós, meus amigos, conservemos, como eles, o nome, a linguagem e a crença.

—Nunca deixaremos jamais de cumprir tais preceitos, meu pai! respondeu Veleda.

—Nem mostraremos menos ânimo nem menos resistência do que os nossos antepassados, acrescentou Sacrovir. Ah! que comoção não será a minha quando ler esses caracteres venerandos que eles traçaram!... Mas a letra da língua céltica ou gaulesa é semelhante à letra bretã que nós costumamos ler, meu pai?

—Não, meu filho; desde muitos séculos que a letra gaulesa, sendo ao princípio a mesma que a dos gregos, pouco a pouco se modificou com o tempo, caindo em desuso; mas meu avô, operário impressor, tão obscuro como erudito e homem de letras, trazia para o bretão moderno todos os manuscritos gauleses. Em virtude, pois, da tua tarefa, tu poderás ler estes manuscritos, tão correntemente como lês aquelas lendas tam queridas do nosso

Gildaz, as quais, compostas há oito-centos ou novecentos anos, ainda hoje correm as nossas aldeias da Bretanha, impressas em papel pardo.

—Meu pai, disse Sacrovir, mais uma pergunta... A nossa família, durante tantos séculos, sempre habitou na Bretanha?

—Não... nem sempre e sabê-lo-has por essas narrações... A conquista, as guerras, as rudes e as diferentes vicissitudes às quais se submeteu nestes tempos uma família como a nossa, obrigaram muitas vezes os seus antepassados ao abandono do país natal, ou fosse porque eram levados como escravos ou prisioneiros para as outras províncias, ou para escapar à morte, ou para ganharem o pão quotidiano, e também para obedecer a leis singulares, ou, finalmente, em consequência dos acasos da sorte; mas bem poucos dos nossos antepassados deixaram de cumprir uma espécie de devota peregrinação ou romaria, que eu também cumpro e que tu cumpriras da mesma forma, no 1.º de Janeiro do ano que seguir à tua emancipação civil, isto é, em Janeiro próximo.

—E porque motivo há de ser nesse dia e não noutro, meu pai?

—Porque o primeiro dia de cada ano foi sempre nas Gálias um dia solene.

—E que romaria é essa?

—Irás às pedras druidicas de Karnak, junto de Auray.

—Dizem, meu pai, que aquele todo gigantesco de granito, que ainda hoje se vê alinhado de um modo misterioso, remonta à mais alta antiguidade?

—Há dois mil anos e mais, meu filho, que já se ignorava a época, perdida nas trevas dos tempos, em que as pedras de Karnak assim tinham sido dispostas.

—Ah! meu pai! causa uma espécie de vertigem só em pensar nos séculos que devem ter aquelas pedras monumentais.

—Deus é o único ente que poderia dizer-lhe, meus amigos! e se se julgar da duração vindoura daquele monumento pela sua duração passada, suceder-se-ão ainda milhares de gerações em face daquelas pedras gigantes, que desafiaram o tempo e sobre as quais os olhares de nossos avós tantas vezes se fitaram, de século para século, com inensa devoção.

—E porque motivo faziam eles essa romaria, meu pai?

Continua.

Aos coleccionadores

A administração de A BATALHA está habilitada a fornecer folhetins atrasados a todas as pessoas que o desejem.

